



Próxima missão:

O OSCAR

'O Agente Secreto' **confirma seu prestígio** e recebe indicações em **quatro categorias** (melhor **filme**, melhor **filme de língua não inglesa**, melhor **ator** e melhor **elenco**) da maior premiação do **cinema mundial**. E ainda o paulista **Adolpho Veloso** foi indicado em **melhor fotografia** por '**Sonhos de Trem**'. Págs. 2 e 3



Wagner Moura teve o nome indicado para melhor ator e o elenco de 'O Agente Secreto' acabou recebendo uma quarta indicação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não foi sorte de principiante a vitória do Brasil na disputa pelo Oscar, com “Ainda Estou Aqui”, pois, uma vez, o país está no páreo pela estatueta mais coibida da cultura pop – agora em quatro categorias – representado por “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, lá do Recife. As estrelas Danielle Brooks e Lewis Pullman anunciaram, na manhã desta quinta-feira (22), que o thriller pernambucano ambientado em 1977 disputará o prêmio anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood nas raías de Melhor Filme, Filme Internacional, Ator (Wagner Moura) e (a recém-criada) Escalação de Elenco (feita por Gabriel Domingues).

Para espichar a alegria nacional, o paulista Adolpho Veloso vai brigar pelo troféu de Melhor Direção de Fotografia por “Sonhos de Trem” (“Train Dreams”), à força de seu trabalho de iluminação estonteante na saga de solidão e resistência passada a margem de trilhos e dormentes. A premiação está agendada para 15 de março, no Dolby Theatre, em Los Angeles, com o apresentador e ator Conan O’Brien comandando a cerimônia, que tem em “Pecadores” (“Sinners”), terror antirracista dirigido por Ryan Coogler, o recordista de nomeações: 16. É um número nunca alcançado antes, marco pra luta antirracista.

“Estou muito feliz de ver esse reconhecimento, com os meus coprodutores. E tenho muito orgulho, e Kleber também, de lembrar que esse filme é fruto de políticas públicas, de investimento na cultura do país e também da coprodução”, celebra em depoimento ao Correio da Manhã a produtora Emilie Lesclaux, parceira de trabalho e de vida de Mendonça Filho. “Eu também queria dizer que a gente está recebendo tanto apoio e

Brasil no Oscar... uma vez mais

‘O Agente Secreto’ ganha quatro indicações à premiação hollywoodiana que tem ‘Pecadores’ como o longa com mais nomeações e tem o fotógrafo paulista Adolpho Veloso no páreo



tantas vibrações positivas do Brasil, e sendo parado na rua por jovens que estão sentindo orgulho dessa projeção internacional, com um sentimento de pertencimento, que é algo realmente especial e nos deixa muito, muito feliz estar podendo fazer isso através do filme”.

As boas novas que chegam dos EUA foram divulgadas cerca de onze meses depois de o mundo aplaudir a vitória do blockbuster de Walter Salles em solo hollywoodiano e cerca de duas semanas depois da dupla conquista do longa-metragem de Kleber Mendonça Filho no Globo de Ouro – coroado como Melhor Ator e Melhor Longa de Língua Não Inglesa. Sucesso

de bilheteria em circuito nacional, com 1,5 milhão de tíquetes vendidos, “O Agente Secreto” já soma cerca de 54 prêmios e teve seu cacife ampliado depois de ganhar a capa de dezembro da revista “Cahiers du Cinéma”, Bíblia da cinefilia mundial desde a década de 1950. A produção, ambientada no fim da década de 1970 (no governo Geisel), e centrada na luta pela vida de um professor e pesquisador de universidade pública (papel de Wagner) perseguido por assassinos, integra o ranking de Dez Melhores Filmes do Ano do periódico francês e foi eleito o melhor longa de 2025 pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).



Pecadores

“Kleber e eu nos conectamos pelas vias da política, num olhar que se afina, sobre o que o Brasil passou, mas eu sempre quis filmar com ele, sobretudo depois de ver ‘O Som ao Redor’. Se ele me chamasse para fazer Chapeuzinho Vermelho, eu fazia”, disse Wagner ao Correio no Festival de Cannes, em maio.

Toda a sorte dele e de Kleber começou lá, em maio, onde “O Agente Secreto” ganhou quatro prêmios (Melhor Direção, Melhor Ator, Láurea da Crítica e Láurea da Associação de Salas de Cinema de Arte e Ensaio). Da Croisette pra frente, tudo é só alegria – e sala cheia – por onde essa produção passa, sobretudo no crivo de resenhistas. Este

mês, ela passa pela Mostra de Tiradentes, no dia 31, e, em fevereiro, flana pelo Festival de Roterdã, na Holanda, onde pode abocanhar a láurea de votação popular.

Já rendeu a Wagner Globo dourado, o Prêmio de Interpretação do Círculo de Críticos de Nova York na semana passada e faturou o prêmio de melhor filme em língua não inglesa do Los Angeles Critics Association Awards. No Oscar dos Estrangeiros, seus concorrentes são o espanhol “Sirâr”, de Oliver Laxe; o rolo-compressor norueguês “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, que explode nas bilheterias lá fora; “Foi Apenas Um Acidente”, do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma

Fotos: Divulgação

“Kleber e eu nos conectamos pelas vias da política, num olhar que se afina, mas eu sempre quis filmar com ele. Se ele me chamasse para fazer *Chapeuzinho Vermelho*, eu fazia”

WAGNER MOURA



Uma Batalha Após a Outra



Marty Supreme



Valor Sentimental



Frankenstein

de Ouro deste ano e concorre pela França, sua coprodutora; e o tunisiano “A Voz de Hindi Rajab”, de Kaouther Ben Hania (único ainda inédito em telas nacionais).

A trajetória de “O Agente Secreto” - que já arrecadou cerca de US\$ 6 milhões no exterior, sem expandir seu circuito - não deixa em nada a desejar à jornada vitoriosa que nosso cinema trilhou entre o segundo semestre de 2024 e março de 2025 com “Ainda Estou Aqui”, de Salles. São duas narrativas distintas, embora ambas se passem parcialmente na década de 1970 e deem ao regime militar de então uma abordagem crítica – cada um tratando a época à sua maneira.

“Pirraça” é o termo com que Kleber descreve aquele tempo.

“Pirraça tem um som muito particular, maior do que qualquer verbete de wikipedia pode traduzir. O uso dessa palavra, num filme que eu fiz para o povo brasileiro ver... e no cinema..., abre relação forte com a língua portuguesa, ao expor algo que persiste como comportamento humano. O Brasil tem uma inabilidade de lidar com fatos históricos, em parte pelo trauma que passou. Por isso, ‘O Agente Secreto’ lida com a ideia de arquivo e se instaura como um filme sobre a memória. Um filme sobre o que a gente esqueceu”, diz Kleber ao Correio da Manhã.

“O Brasil tem uma inabilidade de lidar com fatos históricos. Por isso, ‘O Agente Secreto’ lida com a ideia de arquivo e se instaura como um filme sobre a memória”

KLÉBER MENDONÇA FILHO



Jessie Buckley em ‘Hamnet’



Sonhos de Trem



Bugonia



F1

Wagner tem como seu maior rival Michael B. Jordan, impecável numa dupla atuação, no papel dos gêmeos Elijah e Elias Moore, empresários cujo bar é assolado por vampiros numa América apossada pela Ku Klux Klan em “Pecadores”. Ao lado do simbólico recorde histórico desse bem-sucedido horror pilotado por Coogler, cuja receita em salas beirou US\$ 370 milhões, aparece “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”), de Paul Thomas Anderson, que fez a festa no Globo de Ouro, no último dia 11, com 13 indicações. Seu cineasta, consagrado antes por “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000) e “Sangue Negro” (2007), é o nome

mais forte para vencer a estatueta de Direção e de Roteiro Adaptado. Teyana Taylor, que brilha radiantemente no papel da revolucionária Perfidia Beverly Hills, é dada como ganhadora nata do Oscar de Atriz Coadjuvante Sua arrecadação, US\$ 206 milhões, impressiona.

A seguir, posicionam-se, com nove indicações cada um, “Frankenstein” (já na Netflix), “Valor Sentimental” e (o recém-chegado ao Brasil) “Marty Supreme”, cujo protagonista, Timothée Chalamet também é um perigo para Wagner e um risco para B. Jordan. Editado pelo montador paulistano Affonso Gonçalves, “Hamnet” concorre em oito frentes e desponta como

favorito à láurea de Melhor Atriz, dado o visceral desempenho de Jessie Buckley, como Agnes, parceira de William Shakespeare e mãe da criança que inspira “Hamlet”. A presença de Spielberg como seu produtor amplia suas chances de vencer.

Dos nove títulos que disputam com “O Agente Secreto”, o Oscar mais cobiçado, o de Melhor Filme - “Bugonia”, “F1”, “Frankenstein”, “Hamnet”, “Marty Supreme”, “Uma Batalha Após A Outra”, “Valor Sentimental”, “Pecadores” e “Sonhos de Trem” -, o mais lucrativo foi o épico automobilístico com Brad Pitt, designado só pela sigla de Fórmula Um. Faturou US\$ 631 milhões. Concorrerá ainda aos prêmios de Melhor Som, Efeitos Visuais e Montagem. O longa americano que mais lucrou em venda de ingressos em 2025, tendo arrecadado US\$ 1,7 bilhão, chama-se “Zootopia 2” e só foi indicado a um Oscar: o de Melhor Animação. Não passa nem perto do favoritismo, sendo abafado pela torcida em prol do francês “Arco” e (sobretudo) do sul-coreano “Guerreiras do K-Pop”.

Dos concorrentes de Kleber na frente dos filmes internacionais, de língua não inglesa, o longa (até hoje) de maior arrecadação é o norueguês “Valor Sentimental”, que já contabiliza US\$ 16 milhões. Trata-se de uma história de amor triangular que envolve cinema, teatro e família. Um prestigiado documentarista escandinavo que um dia foi uma espécie de Bergman (vivido por Stellan Skarsgaard) procura sua filha, uma atriz teatral de tarimba (Renate Reinsve), com o projeto de uma ficção. O tal filme recria o suicídio de sua mãe, avó da jovem, que não lida bem com a ausência dele.

Na competição de Cannes, esse estudo sobre culpa, remorso e perdão de Joachim Trier ganhou o Grande Prêmio do Júri, a láurea de maior peso logo depois da Palma dourada. Stellan, de origem sueca, foi ovacionado ao ganhar o Globo de Ouro de coadjuvante por sua colossal composição de uma figura paterna fraturada. Foi aplaudido em especial pela luta contra a perda de memória, decorrente de um AVC. Seu histórico na TV e no cinema dos Estados Unidos é antigo, de “Mama Mía” (2008) à série “Andor”, passando pela franquia “Thor” (2011-2013). Fora isso Trier vem fazendo sucesso em solo americano com “Mais Forte Que Bombas” (2015) e “A Pior Pessoa do Mundo” (2021), que fez de Renate uma estrela no âmbito dramático.

No entanto, o golaço de Kleber no evento da Golden Globe Foundation e em inúmeras outras premiações, põe o Brasil num papel estratégico. O bicampeonato é um horizonte possível... e esperado, sendo que Adolpho Veloso é uma ascendente aposta para o Oscar de Fotografia. Agora é só torcer.

Jackson Romanelli/Universe Produção

Começa neste fim de semana a 29ª edição da mostra mineira que abre o circuito anual dos festivais brasileiros, fazendo de Tiradentes um templo para a invenção de linguagem



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Inaugurada em 1998, numa época em que revelar os Brasis ao Brasil era a meta mais urgente de um audiovisual em tempo de retomada, a Mostra de Tiradentes ganhou um protagonismo hoje invejável no ciclo anual dos festivais de cinema do país. É respeitada não apenas por abrir o bonde onde estão o É Tudo Verdade, Gramado, Brasília, Cine PE e Cine Ceará, mas por um aporte pesado de seu menu na invenção. Famoso em sua gênese por prêmios de júri popular, votados por plateias inchadas, a festa cinéfila de MG deu uma guinada rara em 2008, quando, sob a curadoria do crítico Cleber Eduardo, passou a apostar mais em exercícios de ousadia e de risco do que em estruturas narrativas pautadas num acabamento ortodoxo.

O surgimento da seção competitiva Aurora, dedicada a estreantes, deu voz e vez a pérolas como “Estrada para Ythaca” e “Baronesa”, ampliando seu prestígio. O atual boom das estéticas de Belo Horizonte e sobretudo Contagem, cada vez mais requisitada em Roterdã, Sundance, Cannes e na Berlinale, pavimentou-se um bocado nas telas (e nos debates acalorados) que se fizeram naquele canto das Gerais. De quebra, Raquel Hallak, coordenadora geral da Mostra, lutou com afinco para a maratona mineira receber diretores artísticos de festivais estrangeiros, gerando intercâmbios. O corte curatorial de sua grade, hoje coordenado pelo programador e cineasta Francis Vogner dos Reis, preservou o espírito inquieto lá do fim da década



Projeções lotadas em praça pública dão o tom do clima de Tiradentes durante a realização da Mostra

Uma geral cinéfila das Gerais



Divulgação

A animação ‘Papaya’, que vai representar o Brasil na Berlinale, tem sessão neste sábado

“A Mostra de Cinema de Tiradentes foi um evento precursor na revelação da vocação turística da cidade”

RAQUEL HALLAK

de 2000, radicalizado nos anos seguintes. A prova é a que a 29ª edição de Tiradentes, agendada para começar nesta sexta e seguir até o dia 30, abre com um curta-metragem, “O Fantasma da Ópera”, cuja direção é do bamba da inquietude semiótica Julio Bressane – filmando em duo com Rodrigo Lima.

“A Mostra de Cinema de Ti-

radentes foi um evento precursor na revelação da vocação turística da cidade”, orgulha-se Raquel Hallak. “Foi responsável por projetar Tiradentes nos circuitos turístico, cultural e audiovisual, inserindo o município no roteiro nacional e internacional, impulsionando investimentos e inspirando a realização de novas iniciativas e eventos

loais. Ao mesmo tempo, consolidou-se como referência no circuito de mostras e festivais do país, afirmando-se como o maior evento dedicado ao cinema brasileiro contemporâneo”.

Vogner desenha os filmes que a cidade vai projetar, numa tenda e na praça, sempre lotadas, na coordenação de um time devotado ao questionamento de poéticas e políticas: Julianio Gomes e Juliana Costa (nos longas-metragens); Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorena Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin (nos curtas-metragens); com assistências de Barbara Bello (longas) e João Rego (curtas). Este ano, a atriz Karine Teles (de “Risca-

do”) é a homenageada.

A menina dos olhos da Mostra segue sendo a Aurora. Em 2026, concorrem nela: “Vulgo Jenny” (Viviane Goulart, GO); “Sabes de Mim, Agora Esqueça” (Denise Vieira, DF); “Politiktok” (Álvaro Andrade, BA); “A Voz da Virgem” (Pedro Almeida, RJ); “Para os Guardados” (desali e Rafael Rocha, MG) e “Obeso Mórvido” (Diego Bauer, AM). A força estética desse coletivo de experimentos atrai olheiros do país todo. Com isso, a região toda lucra... e de muitas formas.

“Ao longo de quase 30 anos, a Mostra de Tiradentes tornou-se um vetor estratégico de desenvolvimento econômico e social para a cidade. Durante o período do evento, Tiradentes registra um crescimento expressivo na ocupação hoteleira e na movimentação de bares, restaurantes, comércio local, serviços de transporte, além da ativação de fornecedores e prestadores de serviços da própria região”, avalia Raquel. “A realização da Mostra envolve a contratação de mais de 250 empresas e mobiliza uma ampla cadeia produtiva, gerando mais de 2.500 empregos diretos e indiretos nas áreas de produção cultural, técnica, comunicação, montagem de estruturas, audiovisual, turismo, hospitalidade, segurança, limpeza e serviços gerais. O evento prioriza a contratação de mão de obra local e regional, contribuindo diretamente para a circulação de renda no município e em seu entorno. Para além do impacto econômico imediato, a Mostra produz efeitos estruturantes de longo prazo ao fortalecer a imagem de Tiradentes como cidade cultural e destino turístico qualificado, ampliando sua visibilidade nacional e internacional”.

Neste sábado, às 11h, a Mostra exibe o longa animado “Papaya”, de Priscilla Kellen, que foi selecionado para a 76ª Berlinale, em fevereiro, na Alemanha. Às 21h, na praça, rola “Querido Mundo”, de Miguel Falabella e Hsu Chien Hsin.

ENTREVISTA | MARCELO MIRANDA

CRÍTICO

‘O Brasil ainda é, no jogo global, um país de cultura tratada como periférica’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Toda vez que uma filmografia de algum canteiro do Brasil disparou, consolidando-se como um movimento ou só formando um bolsão de talentos da direção, algum crítico ascendeu junto, como escriba, como cronista e como pensador do que se faz ali. Foi o caso de José Carlos Avellar com o Cinema Novo. O Rio Grande do Sul que bombou nos anos 1980 e 90, com “Ilha das Flores”, viu vozes da crítica como Luiz Carlos Merten e Ivonete Pinto galgarem prestígio, com suas notas essenciais sobre a arte de filmar ali (e fora dali). Vindo do Recife, o diretor Kleber Mendonça Filho - que hoje assegura prêmios a granel para o país com “O Agente Secreto” - foi jornalista especializado em Cinema durante 13 anos, e ganhou espaço nobre na imprensa no momento em que o cinema de Pernambuco explodiu.

Minas Gerais, que vive uma fase de euforia mundialmente consagrada nas telonas, arrumou um festival de tarimba para si, a Mostra de Tiradentes, e, para além dele, viu um analista de notório (e notável) saber (na escrita) se firmar: Marcelo Miranda. Aos 44 anos, egresso de Ubá, ele mora em Curitiba desde 2022, e faz doutorado em SP, na Universidade Anhembi Morumbi, onde pesquisa “as poéticas do mal”. As raízes mineiras seguem com ele, assim como sua atenção para com o que se roda em seu estado. Atualmente escreve para a “Folha de S. Paulo”, para a “Carta Capital” e para a “Quatro Cinco Um”, além de ser curador. Não se faz uma Mostra de Tiradentes sem ele.

A 29ª edição do evento começa neste fim de semana e já há uma escuta atenta ao que ele tem a dizer... e escrever. O Correio da Manhã busca nesta conversa entender o que MG fundou de mais rico ao filmar seu povo, driblando a ideia de “regionalismo”.

Como dimensionar o tanto de expressões estéticas que cabem no termo cinema mineiro?

Marcelo Miranda - Eu sempre questionei - e de certa forma neguei - a expressão “cinema mineiro” porque esse tipo de adjetivação regional ou geográfica é, quase sempre, apenas redutora para conter ou limitar as possibilidades de uma expressão. Lembremos de uma das falas mais marcantes de “O Agente Secreto”, quando o empresário Henrique Ghirotti diz que a universidade em Recife é “um centro de pesquisa regional, não um centro nacional”. Acho mais justo tratar como cinema feito em Minas Gerais, ou cinema em Minas Gerais. Dito isso, um segundo ponto é que existem muitos cinemas em Minas Gerais e neles cabem uma variação enorme de expressões estéticas. Há os filmes de viés mais comercial, os de experimentação radical, os de diálogo com uma linguagem de vivência popular, outros mais reflexivos sobre suas próprias estruturas. Até pela

proliferação de novas vozes, corpos e sensibilidades nos últimos anos, o cinema em Minas se ampliou ainda mais e o mundo tem percebido isso, vide a circulação mundial crescente de títulos produzidos no estado.

O que mais afetou positivamente a ampliação de visibilidade desse cinema pelo mundo, vide a presença do novo filme do André Novais (“Se Eu Fosse Vivo... Vivía”) na Berlinale?

Acredito numa série de fatores, não em uma afetação apenas. Certamente as políticas afirmativas e os incentivos públicos a produções independentes que aumentaram a partir de 2004, tanto em âmbito federal quanto também estadual, foram absolutamente fundamentais. Sem política pública, um cinema periférico (e o Brasil ainda é, no jogo global, um país de cultura tratada como periférica) não sobrevive. Em MG, houve por alguns anos um edital chamado Filme em Minas, infelizmente descontinuado, que trou-



Divulgação

“O cinema em Minas se ampliou ainda mais e o mundo tem percebido isso, vide a circulação mundial crescente de títulos produzidos no estado”

xe à luz dezenas desses filmes que tanto amamos e mais um monte que tiveram menos circulação, mas seguiram em sua importância. Um filme como “Marte Um” existiu por um edital voltado a realizadores negros lançado no governo Dilma, por exemplo. Junto a isso, o encanto da expressividade estética de boa

parte do cinema em Minas, com a consolidação de produtoras independentes, como a Filmes de Plástico, a Anavilhana, a Entrefilmes, a Katásia, a Tempero, entre outras. Todas essas fazem filmes diferentes entre si, numa pluralidade estética, narrativa e conceitual que ganha cada vez mais espaço em lugares

distintos. Por isso, você tem a sensação de que, ao longo do ano, Minas Gerais está sempre representada em algum grande evento audiovisual ou tem um filme em cartaz ou aparece no streaming.

Toda grande filmografia que ascende carrega consigo um escriba... um cronista... um teórico... vide a relação do Avellar com o Cinema Novo. Que vozes críticas te acompanham nesse registro do boom mineiro e da gênese de outras cinematografias?

Um dos momentos canônicos da atual fase do cinema de Minas certamente é o ano de 2010 no Festival de Brasília, quando competiram em longa-metragem “Os Residentes” e “O Céu sobre os Ombros”, ambos fartamente premiados, e ainda teve a estreia do curta-metragem “Contagem”, um trabalho de faculdade que se tornou a grande catapulta de uma pequena produtora chamada Filmes de Plástico, hoje mundialmente um fenômeno - inclusive com filme novo em Berlim, “Se eu Fosse Vivo... Vivía”. Naquele ano, o cineasta e pesquisador Carlos Reichenbach, que estava no festival, cravou no blog dele que “Contagem” anunciava “de forma retumbante o nascimento de um novo ciclo deflagrador”. Nem precisamos ir longe pra saber que Carlão mais uma vez estava certíssimo. Desde então, o cinema de Minas ganhou olhares críticos atentos, e nomes da imprensa e da pesquisa acadêmica, dentro e fora do Brasil, acompanham avidamente cada passo. Especificamente a Filmes de Plástico hoje é realmente uma “marca” identificada a Minas e ao Brasil, e aqui no país é historicamente incomum a empolgação generalizada por um novo filme a partir do nome da empresa produtora. A Filmes de Plástico virou, em termos de impacto do nome, o que a A24 representa dentro de um certo “fandom” do cinema norte-americano: quando anunciam ou sai filme novo, isso vira notícia.

Que filme te fez amar o cinema brasileiro e que filme nacional é o teu colírio de sempre?

Lembro bem claramente, ainda quando criança, de ter ficado absolutamente chocado, em termos de maravilhamento, com “O Pagador de Promessas” e “Pixote - A Lei do Mais Fraco”, isso quando eu tinha uns 16 ou 17 anos, assistindo em fitas VHS, no interior de Minas Gerais, de onde eu sou. Ainda são filmes que eu amo e, desde então, cinema brasileiro pra mim se tornou uma coisa orgânica, parte da rotina e da dieta audiovisual.

Um canto de cisne que faz barulho

Celebrações póstumas dos 80 anos de Hector Babenco, coroado com mostra na Cinemateca Brasileira (SP), resgatam seu autobiográfico 'Meu Amigo Hindu', lançado há uma década

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A estreia recente da versão musical de "O Beijo da Mulher Aranha", com Jennifer Lopez, deu um pontapé nas comemorações (póstumas) dos 80 anos de Hector Eduardo Babenco (1946-2016), que aniversaria no próximo dia 7 de fevereiro, mas partiu, pouco depois de chegar aos 70, em 13 de julho de 2016. Foi ele que dirigiu o "Beijo" original, como um drama romântico cheio de fabulação, em 1985, inspirado na literatura homônima de Manuel Puig (1932-1990), um escritor nascido na Argentina, pátria natal do saudoso cineasta. Afagado postumamente na delicadeza documental de "Babenco: Alguém Tem que Ouvir o Coração e Dizer Parou", de sua companheira Bárbara Paz, laureado no Festival de Veneza de 2019, Hector ganhará uma retrospectiva de seu legado na Cinemateca Brasileira, em São Paulo, de 30 de janeiro a 13 de fevereiro.

Paralelamente, o streaming Reserva Imovision continua a ser um guardião das criações do realizador de "Brincando nos Campos do Senhor" (1991). Em ambas as vias, a mostra em SP e a plataforma digital, encontram-se rotas para (re)valorizar o canto de cisne de HB: "Meu Amigo Hindu", cuja estreia comercial está completando 10 anos.

Filme de abertura da Mostra de Cinema de São Paulo de 2015, "Meu Amigo Hindu" abre os even-



Willem Dafoe com Maria Fernanda Cândido vivem um casal alquebrado por uma doença em 'Meu Amigo Hindu'



Hector Babenco (1946-2016) de barba no set de 'Pixote', um cult dos anos 1980

tos da Cinemateca, dia 30, às 20h. Até hoje, nunca se falou com o devido carinho das várias camadas do longa-metragem, que rendeu o prêmio de melhor ator a Willem Dafoe no Festival de Montreal, no Canadá, faz uma década. Há algo de metafísico nessa autobiográfica produção.

Perpétuos, Morte e Delírio compartilham a mesma inicial – a letra "D" – quando escritos em inglês, o idioma de "Meu Amigo Hindu", obrigatório longa de despe-

dida de Hector. Esses verbetes viram Death e Delirium quando ditos por bocas como a do americano Dafoe, astro a quem o cineasta confiou o protagonismo deste drama personalíssimo. Fronteiras linguísticas à parte, essas duas palavras míticas – onipresente nos filmes de Babenco – se conjugam no esperanto da dor dicionarizado pelo diretor ao longo de 124 minutos esculpidos com suas entranhas e suas recordações mais íntimas. É uma radiografia da alma do homem que, em 1986, concorreu ao Oscar de Melhor Direção por "O Beijo da Mulher-Aranha".

Filmes sobre calvários de saúde já fizeram a roda do cinema a dar algumas vezes. Foi o que se viu

quando, em 2005, o romeno Cristi Piu lançou "A Morte do Sr. Lazarescu", seguindo um idoso em deterioração. Há uma patologia igualmente incômoda no francês "Abus de Faiblesse", de Catherine Breillat, no qual a diretora espelha no corpo da ruiva Isabelle Huppert o derrame que sofreu. O que se deteriora em "Meu Amigo Hindu" é o organismo de Diego Fairman, um bem-sucedido cineasta vivido por Dafoe (numa atuação visceral), em função de um linfoma.

A doença foi a mesma que botou Babenco em estado de risco nos anos 1990: logo no início do longa, uma cartela de texto indica que as experiências ali narradas foram testadas na pele do próprio Babenco. Fala-se, por isso, que Diego é seu alter ego.

Para entender(mos) melhor Diego, vale retomar como bússola nossos Perpétuos em questão, Morte e Delírio, inteligíveis em qualquer língua. Em todos os filmes feitos pelo cineasta em seus 40 anos de caso com a ficção, eles estão presentes, desde seu primeiro longa, "O Rei da Noite" (1975), no qual o protagonista sonhava uma vida alternativa para se entorpecer de seu crime. Basta lembrar que Molina (William Hurt), de "O Beijo...", inventava um mundo paralelo com os cacos dos clássicos do cinema a que assisti para não se sufocar com

a cadeia. E é na boca de "O Beijo..." que Babenco vai buscar a saliva para umedecer o relato da luta de Diego para viver.

De solidez invejável como drama, "Meu Amigo Hindu" caminha a partir de sequências entre o tormento e a bonança: algumas que doem, outras que aliviam. A festa de casamento de Diego e Livia (Maria Fernanda Cândido) e o ajuste de contas entre ela e o cunhado Antonio (Guilherme Weber) tateiam a laje do desastre iminente, deixando na plateia a sensação de uma erupção de rancor a qualquer instante: o que eleva a temperatura e o senso de risco.

Já as cenas todas nas quais Diego lida com o menino indiano que dá nome ao filme (vivido por Rio Adlakha) caminham pela planície do lirismo, para dar de comer à porção delirante que alimenta a fauna do cineasta. Há lirismo ainda nas passagens com Bárbara Paz em cena, num indício de recomeço para Diego. Há ainda as tomadas de excelência com "E" maiúsculo nas quais o genial ator mineiro Selton Mello põe o longa no bolso contracenando com Dafoe (de igual para igual) na pele de um sujeito misterioso, chegado de um Além ateu, com quem Diego joga xadrez em alusão a "O Sétimo Selo" (1957), de Bergman. É uma autopsia de alma.

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

JAZZ DAS MINAS

✳Formado integralmente por mulheres, no palco e nos bastidores, o grupo liderado pela pianista, compositora e arranjadora Ifátókí Maíra Freitas apresenta o show “Ayé Òrun”, baseado no repertório do álbum homônimo. Sex (23), às 20h30. Dolores Club (Rua do Lavradio, 10). R\$ 60.

AUGUSTO MARTINS E MARCEL POWELL

✳O cantor recebe o violonista para interpretar o repertório do álbum “Certas Coisas” que Augusto gravou com o saudoso Hêlio Delmiro, um dos maiores guitarristas da nossa música. Dom (25), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

CIDADE DORMITÓRIO

✳O quarteto sergipano apresenta pela primeira vez na cidade com seu indie-alternativo com influências de pós-punk, música de rádio, além da música popular e psicodélica brasileira. Abertura de LLucas. Dom (25), às 21h30. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 – Botafogo). R\$ 35

LUANA MALLET

✳Cantora celebra o Dia Nacional da Bossa Nova no Beco das Garrafas. O show homenageia os aniversariantes Tom Jobim e Leny Andrade com clássicos da Bossa Nova em arranjos que Leny eternizou. Dom (25), às 20h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 Copacabana). R\$ 80

DANÇA

ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES

✳A Cia Dos à Deux retorna ao Rio com este espetáculo que conduz o público a uma jornada sensorial de corpos em diálogo com linguagens artísticas diversas (artes visuais, cinema, dança e teatro). Até 5/2, qua e qui (20h). Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

TEATRO

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

✳O premiado monólogo em que o veterano Othon Bastos repassa sua carreira está de volta. Texto e direção de Flávio Marinho. Até 1/2, sex e sáb (18h) e dom (16h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º andar). A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)



Divulgação

Jazz das Minas



Divulgação

Devora-me

A SABEDORIA DOS PAIS

✳Recomeços, amadurecimento e as possibilidades do amor depois de uma vida inteira compartilhada. Montagem apresenta a trajetória de um casal que, após 35 anos de um casamento aparentemente perfeito, decide se separar. Nos dez anos que se seguem, cada um busca novos caminhos, novas experiências. Com Nathalia do Valle e Herson Capri. Texto e direção de Miguel Falabella. Até 8/2, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º andar). A partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

CREDORES

✳Neste texto escrito em 1897 por August Strindberg, dois homens e uma mulher se encontram para um acerto de contas. A reunião evidencia marcas nunca cicatrizadas. Até 28/2, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

MARGINAL GENET

✳Montagem retrata o universo do autor francês no submundo de Paris. Até 7/2, sáb (22h). Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Divulgação

Augusto Martins e Marcel Powell

DJAVAN, O MUSICAL: VIDAS PRA CONTAR

✳A riqueza musical e a história inspiradora de um dos cantores e compositores mais aclamados da música popular brasileira chegam ao palco um espetáculo idealizado por Gustavo Nunes, com direção artística de João Fonseca e autoria de Patrícia Andrade e Rodrigo França. Direção musical de João Viana e Fernando Nunes. Até 8/2, qui e sex (20h), sáb (16h30 e 20h30) e dom (18h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Shopping dos Antiquários - Copacabana). A partir de R\$ 19,80

DEVORA-ME

✳Depois de muitos anos afastados, pai e filha, ambos atores, tentam se comunicar. Como estratégia de convivência, decidem ensaiar o personagem Rei Lear, antigo sonho dele. Até 6/2, qui e sex (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

LAS CHORONAS

✳Experiência cênica que desafia convenções e amplia fronteiras da acessibilidade. Até 8/2, qui a sáb (19h) e dom (18h). CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Credores



Masha e o Urso



Geometria Visceral



Cidade Dormitório



Enquanto Você Voava Eu Criava Raízes

FELIZARDA

✳Felizarda é contratada por uma empresa e se vê cercada por neuroses e angústias do mundo corporativo. Até 6/2, qua a sex (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

JOB

✳Funcionária de empresa de tecnologia, especialista em filtrar conteúdo impróprio na internet, sofre com a toxicidade do ambiente e tem colapso nervoso e reocorre à terapia. Com Bianca Bin e Edson Fieschi. Até 22/2, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

SEGREDOS

✳Espetáculo de improviso da Cia Teatro do Nada no qual os atores constroem cenas, monólogos e personagens a partir de segredos reais escritos pelo público antes de cada apresentação. De 23 a 25/1, sex e sáb (20h e dom 19h). Teatro Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

OS FIGURANTES... E DEPOIS?

✳Com ramaturgia desenvolvida por Wendell Bendelack e Rafael Primot, o espetáculo nasceu de pesquisa dos autores sobre histórias reais do universo da figuração. No centro da trama, as frustrações e o desejo de visibilidade que esses aspirantes à fama alimentam. Até 8/2, sex e sáb (20h) | dom (19h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

FRANK KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✳Mostra reúne 38 trabalhos do pintor e escultor polonês Frans Krajcberg que, já nos anos 1970, denunciava os riscos ambientais do planeta e suas consequências para a vida de todas as espécies. O artista se notabilizou pelas obras com madeiras de árvores destruídas pela devastação ambiental nas florestas na Zona da Mata. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

DAR NOME AO FUTURO

✳Dani Cavalier e Nathalie Ventura trazem pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

✳Um mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra de Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

RETRATOS DO MEU SANGUE - SHIPIBO-KONIBO

✳A exposição apresenta o trabalho do documental do fotógrafo peruano David Díaz González, nascido na comunidade nativa de Nueva Saposo. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

✳Panorama da produção recente do artista plástico paulista Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

RIOS DE LIBERDADE

✳Exposição celebra os 200 anos da independência do Uruguai reunindo 14 artistas da colagem uruguaio e brasileiros que se utilizam de imagens do acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu como matéria-prima para registrar a memória visual de uma sociedade em transformação. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

LIVROPOEMA/POEMALIVRO

✳A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro com experiências visuais, sensoriais e poéticas. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

INFANTIL

RAULZITO BELEZA - RAUL SEIXAS PARA CRIANÇAS

✳O musical do premiado projeto 'Grandes Músicos para Pequenos', apresenta a história de um menino que era criativo demais. Tão criativo que sua falta de atenção ao mundo real começou a atrapalhá-lo na escola. Até 1/2, sáb e dom (16h). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 53 - 3º piso). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

MASHA E O URSO

✳Nesta versão teatral da série que é fenômeno de audiência no YouTube (25 bilhões de visualizações), Masha, o Urso e os amigos da floresta vivem uma história de lealdade e coragem. Até 22/2, sáb (10h e 12h30) e dom (11h e 14h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

INVENTAMUNDOS

✳Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojuvenis, o laboratório criado pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

O poeta e sua relação com o tempo

Chico César revisita no Circo Voador o repertório de 'Cuscuz Clã', o álbum de estúdio que alavancou sua carreira há exatos 30 anos

AFFONSO NUNES

Poetas carregam consigo uma relação diferenciada com o tempo. Poderia. Pois a poesia não tem lugar ou tempo específicos. Com Chico César não é diferente. Trinta anos o separam do lançamento de "Cuscuz Clã", o álbum que transformou sua trajetória e o levou da cena underground paulistana aos palcos do Brasil e do mundo. Neste sábado (24), o bardo de Catolé do Rocha (PB) sobe ao palco do Circo Voador para visitar esse marco discográfico que coincide com a celebração de seu aniversário (26/1). Já virou hábito o cantor e compositor se apresentar no Circo no mês em que completa anos. A noite terá abertura da também paraibana Luana Flores e DJ set de Túlio Baía.

Lançado em 1996 como primeiro álbum de estúdio de Chico César – que estreara na carreira com o registro ao vivo "Aos Vivos", de voz e violão –, "Cuscuz Clã" consolidou a identidade artística do músico ao propor uma fusão ousada entre baião, pop, rock, forró e poesia nordestina. A produção, assinada por Marcos Mazzola, reuniu músicos de expressão internacional como o baixista sul-africano Bakhiti Kumalo, conhecido por seu trabalho com Paul Simon, além dos percussionistas Naná Vasconcelos e o argentino Ramiro Musoto. A base do disco foi gravada com a banda que já acompanhava Chico em suas apresentações paulistanas no Bambu Brasil e no Blen Blen Club.

O próprio título do trabalho carrega camadas de significado.

"O disco leva inclusive o nome da banda, trazendo a ideia



Divulgação

Chico César reuniu músicos do Brasil e exterior para apresentar um disco de sonoridade pop com uma mescla de ritmos que se tornaria marca registrada de sua obra

de muita mistura com essência brasileira e intrinsecamente nordestina. Trazendo aí também uma crítica ao racismo e os apartheids em geral", explica o cantor e compositor.

A sonoridade pop e cosmopolita do álbum surpreendeu parte do público que havia se conectado com o intimismo acústico de seu trabalho anterior. "A sonoridade pop, claro, assustou alguns ouvintes do álbum anterior – o 'Aos Vivos', de voz e violão, mas eu estava em busca mesmo de algo diferente em termos de sonoridade, tentando seguir os passos dos mestres africanos como Salif Keita, Youssou N'Dour, Papa Wemba, Fela Kuti. E de mestres brasileiros como Gilberto Gil e Jorge Ben Jor. Música afro-brasileira com celebração do corpo através da dança", conta Chico.

O repertório do disco inclui regravações em formato de banda de "À Primeira Vista", com percussão de Naná Vasconcelos, e "Mama África", que conta com



“O disco leva inclusive o nome da banda, trazendo a ideia de muita mistura com essência brasileira e intrinsecamente nordestina. Trazendo aí também uma crítica ao racismo e os apartheids em geral”

CHICO CÉSAR

o baixo de Bakhiti Kumalo. Entre as faixas que chegaram com força renovada estão "Mand'Ela", "You Yuri" e "Pedra de Resposta". O álbum também reserva espaço para momentos intimistas como "Isso", "Esta" e "Anjo da Vanguarda", esta última com participação do guitarrista Lanny Gordin, que já havia colaborado em "Aos Vivos".

Sobre o impacto do disco em sua carreira, Chico César é categórico: "Esse disco me nacionali-

zou e também internacionalizou meu trabalho. Com ele saí da cena underground de São Paulo, com raras aparições em outras capitais do país, para rodar todo o Brasil. E logo os festivais de world music de todo o mundo. Foi um aprendizado completo a começar pela produção no Rio de Janeiro".

De fato, "Cuscuz Clã" foi o passaporte que projetou o músico paraibano para além dos circuitos alternativos, estabele-

cendo-o como um dos nomes relevantes da MPB.

No show deste sábado, além de visitar todas as canções do álbum comemorativo, Chico César deve incluir outros destaques de seu repertório. Antes da apresentação principal, a conterrânea Luana Flores abre a noite com seu projeto "Nordeste Futurista". Beatmaker, DJ, percussionista, cantora e compositora, Luana propõe um diálogo entre ritmos da cultura popular nordestina e sonoridades eletrônicas, abordando temáticas contemporâneas como gênero, sexualidade e território. Após o show, o DJ Túlio Baía comanda a pista.

SERVIÇO

CHICO CÉSAR | 30 ANOS DE CUSCUZ CLÃ

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
24/1, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos a partir de R\$ 160 e R\$ 80 (meia)



Quinho Mibach/Divulgação

Roberto Menescal se une a Cris Delanno e Theo Bial para reverenciar a atemporalidade da Bossa Nova

Bossa em três tempos

Aos 88 anos, Roberto Menescal, o último criador vivo do gênero se apresenta com Cris Delanno e Theo Bial em festival gratuito nas areias de Ipanema

AFFONSO NUNES

Aos 88 anos, Roberto Menescal segue provando que a bossa nova não é um gênero do passado, mas uma linguagem viva que atravessa gerações. O único dos criadores da bossa ainda em atividade participa de dois shows especiais nesta semana reunindo no palco três gerações

do movimento que transformou a música brasileira nos anos 1950.

Na quarta participação no Festival Rio Bossa Nossa, marcada para este domingo (25) na Praia de Ipanema, Menescal repete a parceria vitoriosa com a cantora Cris Delanno e o jovem violonista Theo Bial. “Deu tão certo que não posso mudar, a partir dali eu fiz com Cris e Theo dois lindos trabalhos que estão sendo sucesso”, justifica o veterano músico, compositor, arranjador

e produtor.

A química entre os três resultou em projetos recentes que renovam o repertório clássico. Menescal e Delanno lançaram “O Lado B da Bossa”, segundo álbum da dupla que recebeu elogios da crítica especializada. Já com Theo Bial, seu mais recente pupilo, o veterano realizou tour no Japão ao lado de Lisa Ono e apresentou espetáculo com lotação esgotada no Blue Note e em Juazeiro (BA). Juntos, já compuse-



Divulgação

Cris Delanno



Fernanda Assis/Divulgação

Theo Bial

ram duas músicas, sendo uma ainda inédita.

Cris Delanno celebra 35 anos de parceria com Menescal, que produziu e arranjou vários de seus discos. “Neste show, fazemos as músicas do álbum e outras canções que foram marcantes na nossa história como, por exemplo, ‘Saudade Fez Um Samba’, ‘Corazón Partío’ e ‘Samba de Uma Nota Só’”, revela a cantora.

O repertório privilegia o chamado “lado B” da bossa nova, reunindo composições menos conhecidas do grande público, mas fundamentais na trajetória do gênero. Canções como “Esse seu olhar/Promessas”, de Tom Jobim e Newton Mendonça, “Deixa”, de Baden Powell e Vinicius de Moraes, “O negócio é amar”, de Carlos Lyra e Dolores Duran, “Chora tua tristeza”, de Oscar Castro-Neves, e “Mentiras”, de João Donato, ganham novos arranjos criados especialmente para o show.

Acompanhado por seu trio – Adriano Giffoni, João Cortez e Adriano Souza –, Menescal reflete sobre a longevidade de sua missão artística. “Eu aos 18 anos era um cara começando a tocar violão, empolgado com tudo que aparecia, com a mudança do samba-canção pra Bossa Nova. Hoje, sei que tenho essa missão de continuar nos palcos da vida e de mostrar cada vez mais a nossa Bossa para o mundo”, afirma o violonista.

“São músicas que a gente adora, tem a cara de todas as gerações, a cara da gente”, comenta Theo. E o velho Menescal chega a filosofar: “Reviver a bossa com diferentes gerações traz saudade do que a gente fez mas também saudade do futuro”.

SERVIÇO

FESTIVAL RIO BOSSA NOSSA 2026 - ROBERTO MENESCAL, CRIS DELANNO E THEO BIAL

Praia de Ipanema (altura do nº 746 da Av. Vieira Souto), a partir das 17h
Grátis

De volta ao começo

Turnê de Ana Carolina que celebra seus 25 anos de estrada retorna à cidade onde fez sua estreia em 2025

Ana Carolina regressa aos palcos cariocas neste sábado (24) com show da turnê “25 Anas” no Vivo Rio. Há seis meses o espetáculo fazia sua estreia nacional na cidade para ganhar o país nos meses seguintes. Grandioso e nostálgico, “25 Anas” atravessa um quarto de século de uma das trajetórias mais emblemáticas da MPB.

Pensado pela artista nos mi-

nimos detalhes, o espetáculo foi concebido como uma experiência teatral dividida em cinco atos não cronológicos, estrutura que permite à artista navegar livremente por diferentes momentos de sua carreira.

Uma liberdade narrativa que acaba se refletindo na própria escolha do repertório, que entrelaça sucessos consagrados como “Garganta”, “Quem de Nós Dois”, “Rosas” e “É Isso Ai” com as faixas inéditas do EP “Ainda Já”, lançado especialmente para marcar o jubileu de prata da cantora. “Revisitar meus 25 anos de carreira é essencial neste show, mas quero também que o público viaje comigo para o agora e para o que ainda está por vir”, defende Ana Carolina.

Nesses 25 anos de estrada, a ar-

tista construiu uma trajetória sólida que a coloca entre as vozes mais importantes da música brasileira contemporânea. São ao todo 13 álbuns lançados, com mais de 5 milhões de discos vendidos. E emplacou cerca de 30 singles nas paradas nacionais, sendo 26 deles presentes em trilhas sonoras de novelas. Restam poucos ingressos à venda neste reencontro da cantora e compositora com seu fiel público. (A. N.)

SERVIÇO

ANA CAROLINA - 25 ANAS

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Glória)
24/1, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 200 e R\$ 100 (meia)

Ana Carolina: “Revisitar meus 25 anos de carreira é essencial neste show, mas quero também que o público viaje comigo para o agora e para o que ainda está por vir”



Divulgação

AFFONSO NUNES

A parceria entre Áurea Martins e Cristóvão Bastos atravessa décadas de música brasileira e resulta agora em “Amizade”, álbum lançado recentemente que chega ao palco do Blue Note Rio neste sábado (24), às 20h. O encontro entre a cantora de 85 anos e o pianista e compositor toma forma num projeto intimista de voz e piano.

Com dez faixas, o repertório do disco navega predominantemente pelo universo do samba-canção, gênero que pede sutileza e entrega emocional. Entre os destaques estão quatro composições de Cristóvão Bastos, desenvolvidas em parceria com outros compositores, ao lado de canções de nomes como Sueli Costa, Moacyr Silva e Jacob do Bandolim. O disco reúne tanto clássicos quanto preciosidades pouco conhecidas do grande público, caso de “Fale Baixinho” (Portinho/Heitor Carrillo), “Outra Vez, Nunca Mais” (Sueli Costa e Abel Silva) e “Meus Guardados” (Cristóvão Bastos/Roberto Didio).

Em resenha publicada no Correio em dezembro, Aquiles Rique Reis, nosso crítico musical, foi preciso ao falar do trabalho, louvando seus intérpretes. “Áurea não é uma, mas muitas cantoras reunidas numa só. O Universo as juntou num só corpo, íntegro em sua negritude e numa só e bendita voz. Reunidas todas as Áureas, tem-se o milagre da transformação do canto de nossa dama preta em uma rara iguaria”.... Provar seu canto de amor e dor, é se redimir”, escreveu.

Cristóvão Bastos também recebeu entusiasmas do crítico. “É um gênio do piano. Seu instrumento é



Divulgação

A longa amizade de Áurea Martins e Cristóvão Bastos se materializa num belíssimo álbum

Décadas de cumplicidade

Áurea Martins e Cristóvão Bastos levam ao Blue Note Rio o álbum ‘Amizade, que resgata sambas-canções e joias esquecidas da MPB

um tesouro de onde brotam sons admiráveis. Entre dedilhados e acordes, o pianista mostra o caminho nascido da sabedoria de um então aprendiz na arte de tocar e amar que se mostra grandiosa em sua simplicidade, ensinando que a desafetação é

melhor do que qualquer presepada. Assim como Áurea, Cristóvão também não é só um, são muitos, todos plenos de mãos e dedos com vida própria, independentes.

O show de lançamento de “Amizade” é a atmosfera perfeita

para que a maturidade interpretativa de Áurea Martins e a sensibilidade harmônica de Cristóvão Bastos se revelem em perfeita sintonia, explorando as nuances melódicas e poéticas de cada canção deste repertório tão precioso.

SERVIÇO ÁUREA MARTINS E CRISTÓVÃO BASTOS - AMIZADE

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)
24/1, às 20h | A partir de R\$ 60

Banda goiana toca álbum icônico de cabo a rabo nesta sexta no Circo Voador

Diretamente de Goiânia, o Boogarins desembarca no Circo Voador nesta sexta-feira (23) para comemorar os 10 anos de “Manual ou guia livre de dissolução dos sonhos”, álbum que consolidou o quarteto goiano como uma das forças mais criativas do novo rock brasileiro. Indicado ao Grammy Latino na categoria “Melhor Álbum de Rock em Língua Portuguesa”, o disco representa um marco definitivo na trajetória do grupo.

O álbum foi gravado em Gijón, no norte da Espanha, durante uma pausa de um mês no meio da primeira turnê internacional da banda. Mas foi nos palcos que a história ganhou corpo. Embora a maior parte das baterias tenha sido gravada por Hans Castro,



Gabriel Rolim/Divulgação

O Boogarins encontrou sua formação ideal após a gravação do álbum

primeiro baterista, foi com a entrada de Ynaia Benthroldo que a Boogarins encontrou sua sonoridade ao vivo definitiva. Os shows tornaram-se progressivamente mais altos e explosivos, com improvisos que transformavam as canções em experiências catárticas. Um exemplo foi a apresentação na rádio americana KEXP, onde faixas como “Falsa Folha de Rosto”, “Cuerdo”, “Tempo” e “Auchma” ganharam suas versões definitivas.

São essas versões que estarão no centro do show comemorativo. A banda promete tocar o disco de cabo a rabo, trazendo de volta os arranjos e improvisos das versões ao vivo. (A.N.)

SERVIÇO BOOGARINS - 10 ANOS DE MANUAL

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
23/1, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Quatro décadas de muita harmonia

Claudio Nucci e Zé Renato celebram os 40 anos do emblemático álbum 'Pelo Sim, Pelo Não' neste fim de semana no Rival

AFFONSO NUNES

A amigos, parceiros e, como se isso fosse pouco, duas das mais belas vozes da MPB. É o caso de Claudio Nucci e Zé Renato, que se reencontram no palco do Teatro Rival Petrobras nesta sexta e sábado (23 e 24) para celebrar as quatro décadas de uma marco de suas carreiras, o “Pelo sim, pelo não”, álbum lançado em 1985

pela CBS e que marcou definitivamente a trajetória dos dois cantores e compositores. O espetáculo reafirma uma amizade e parceria musical forjada ainda nos anos 1970, quando ambos fundaram o grupo vocal Boca Livre, em 1978, ao lado de David Tygel e Mauricio Maestro.

O Boca Livre foi um divisor de águas na música vocal brasileira, explorando arranjos sofisticados e harmônicos que dialogavam com a MPB, o jazz e a bossa nova. Daquele caldeirão criativo nasceu uma amizade duradoura entre Nucci e Zé Renato, que transbordaria neste trabalhos em parceria anos após a saída de Nucci do quarteto. Foi dessa cumplicidade que surgiu esse disco. Canções como a faixa-título, composição de Zé Renato, Claudio Nucci e Juca Filho, e “Papo de Passarim” tornaram-se parte permanente do repertório afetivo dos dois artistas.

Donos de timbres belíssimos que se encaixam com rara naturalidade, Nucci e Zé Renato construíram ao longo dessas quatro décadas uma identidade vocal única, em que as vozes se complementam e criam uma textura sonora inconfundível.



Zé Renato e Claudio Nucci seguiram trabalhando juntos em gravações e parcerias mesmo após a saída de Nucci do Boca Livre

SERVIÇO

CLAUDIO NUCCI E ZÉ RENATO – 40 ANOS (1985-2025)

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia)
23 e 24/1, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 80

É justamente essa química vocal que torna cada apresentação da dupla um momento especial.

Além das canções citadas, o repertório dessas duas noites no Rival passeia pela essência do álbum celebrado, trazendo clássicos como “A Hora e a Vez” e “Atravessando a Cidade”, além de sucessos da trajetória conjunta no Boca como “Quem Tem a Viola”, “Toada”, “Acontecência”, “Anima” ou “Sapato Velho”, sucesso com o Roupa Nova e que tem Nucci vom um de seus autores. A apresentação também reserva espaço para novidades: duas canções lançadas em agosto de 2025, a inédita “A bandeira do Porvir”, compo-

sição de Milton Nascimento e Márcio Borges, e “Eu Sambo Mesmo”, de Janet de Almeida.

“Estar num palco com este repertório é como um filme passando em nossas cabeças. Um filme que diz respeito a essa trajetória que eu tenho percorrido e uma parte dela ao lado do Claudio e estar comemorando isso juntos é emocionante”, destaca Zé Renato, mencionando que neste 2026 estará completando 70 anos de idade e 50 de carreira.

Claudio Nucci e Zé Renato demonstram que amizade e música, quando cultivadas com talento e dedicação, resistem ao tempo e se fortalecem.

CRÍTICA DISCO | MPB ANO ZERO

por **AQUILES RIQUE REIS***

Vamos de “MPB Ano Zero” (independente, com apoio da Biscoito Fino e da Prefeitura do Rio, através da Lei Aldir). Álbum duplo que é fruto de um projeto idealizado pelo jornalista e escritor Hugo Sukman, o cantor Augusto Martins e o produtor Marcelo Cabanas, que reuniu 31 artistas em 22 gravações inéditas.

Cabe ressaltar a magnitude da ideia. A força da chamada MPB está ali retratada dentro de seu universo plural, sob os auspícios de vozes pouco conhecidas para muitos, mas com um talento que revela a diversidade da música brasileira, diversidade esta que faz dela a melhor do mundo.

Tudo começa com a gravação de “Bendegó”, de Claudia Castello Branco e Renato Frazão, pelo MPB4. Um detalhe: fomos con-

vidados a apadrinhar o projeto pelos idealizadores, que nos consideram um símbolo da história da sigla MPB. Honrados pelo reconhecimento, não há como me furtar a passar tal informação.

A gravação ficou a nossa cara. Partindo da letra do Frazão, e amparados pela potência melódica, rítmica e harmônica de Claudia, pelo arranjo de Paulo Pauleira, tocado por seu piano, pelo baixo de João Faria e pela bateria de Marcos Feijão, nos vimos aptos a cantar a origem do Bendegó, síntese do projeto.

Ouvir as 22 gravações é comungar com a convicção que carece de se expandir junto aos



que se interessam pela MPB. Os 31 participantes são a cara e a coragem de um Brasil que luta pra dar certo, cantando e resistindo às tentativas golpistas.

A força do “MPB Ano Zero” decorre, também, da presença de todos os vídeos e dos 21 minidocs contando a trajetória

dos participantes (disponíveis no canal da Biscoito Fino no YouTube), bem como de todos os instrumentistas e arranjos que se somaram à ideia. Alguns dos destaques: “Se Eu Quiser Falar Com Deus” (Gilberto Gil), por Ilessi; “Canoa Canoa” (Nelson Ângelo e Fernando Brant), por Fred Demarca e Juliana Linhares; “Máfia da Miçanga” (Almir Guineto e Luverci), por Caxtrincho; “Pecado Capital” (Paulinho da Viola), por Marcelo Menezes; “Nasci Pra Sonhar e Cantar” (Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho), por Vidal Assis.

Ao ouvir “MPB Ano Zero” cairá por terra qualquer dúvida

que ainda reste, e que se consolida através da desesperança de uma pergunta boba: “Será que não existe ninguém novo na música brasileira de hoje em dia?” A resposta é, mil vezes não! Ou melhor, trinta e uma vezes não!

Porque o papo é sério. Soman-do todo o material do projeto, tem-se nas mãos a geração de um trabalho de referência. Quem quiser entender melhor a música que mais representa a nossa gente, tem agora um documento no qual pulsam as músicas cantadas por craques de voz ainda pouco conhecidas, tocadas por instrumentistas que precisam ser ouvidos pelos amantes da música popular brasileira. A hora é essa, gente boa!

Ouç a álbum em <https://acesse.one/Q3aqw>

***Vocalista do MPB4 e escritor**

Prêmio APTR de Teatro 2026 anuncia seus indicados

Espectáculos 'Torto Arado – O Musical', 'Maldita', 'O Céu da Língua', 'Ao Vivo [Dentro da Cabeça de Alguém]' e '(Um) Ensaio sobre a Cegueira' concentram o maior número de indicações este ano



Ao Vivo [dentro da cabeça de alguém]



Torto Arado - O Musical

A cena teatral carioca celebra uma trajetória de resiliência e continuidade com mais uma edição do Prêmio APTR. O evento, promovido pela Associação de Produtores de Teatro, chega à sua vigésima edição, marcando duas décadas ininterruptas de reconhecimento aos profissionais que sustentam a vitalidade dos palcos do Rio de Janeiro. Tanto que nem mesmo a pandemia de Covid-19 interrompeu sua realização, consolidando-a como um dos principais termômetros da produção teatral na cidade.

A edição deste ano traz uma programação que reflete a diversidade estética e temática do teatro contemporâneo. Entre os destaques estão produções que transitam do musical à dramaturgia experimental, passando por adaptações literárias e criações autorais. "Torto Arado – O Musical", baseado na premiada obra de Itamar Vieira Junior, lidera o número de indicações, concorrendo em categorias como Espectáculo, Direção, Atuação, Música, Cenografia, Figurino, Iluminação, Direção de Movimento e Produção. A transposição da narrativa sobre a vida no sertão baiano para os palcos musicais representa um dos fenômenos recentes do teatro brasileiro, dialogando com a tendência de adaptação de sucessos literários para outras linguagens artísticas.

Também com presença expressiva na lista de indicados está "Maldita", contemplado nas categorias Dramaturgia, Música, Direção e

Direção de Movimento. A peça se soma a outros trabalhos que evidenciam a força da criação autoral, como "O Céu da Língua", indicado em Dramaturgia, Atuação, Iluminação, Produção e Espectáculo. Já "Ao Vivo [Dentro da Cabeça de Alguém]" recebeu indicações nas categorias de atuação, iluminação e produção, enquanto "(Um) Ensaio sobre a Cegueira", adaptação do romance de José Saramago, figura entre os concorrentes a Espectáculo, Direção, Iluminação e Produção.

Para Eduardo Barata, presidente da APTR e diretor da cerimônia desta edição comemorativa, o prêmio transcende a dimensão simbólica do reconhecimento. "Somos uma instituição representativa do setor artístico. A cerimônia e o prêmio afirmam o nosso segmento, valorizam a criação, o profissionalismo e a potência do teatro brasileiro. Ao longo dessas 20 edições do Aptr, o Brasil e o mundo sofreram profundas transformações. Nesse percurso, o Prêmio Aptr se consolidou como um dos principais encontros do ofício artístico, expressando a força política, econômica e cultural do teatro e das artes no país", afirma.

A avaliação dos espetáculos ficou a cargo de duas comissões julgadoras, divididas entre as categorias Adulto e Infantil. Na primeira, atuam os críticos e pesquisadores Ary Coslov, Jane Celeste, Cláudia Chaves, Luiz Antônio Pilar, Clarisse Derziê Luz, Maria Ceiza e Fátima Sá. Já a categoria Infantil conta com Cristina Bethencourt, Lúcia Cerrone, Manuel Friques e



O Céu da Língua



Maldita



(Um) Ensaio Sobre a Cegueira

João Sant'Anna. O regulamento do prêmio estabelece que apenas peças com ao menos doze apresentações realizadas na cidade do Rio de Janeiro podem concorrer, garantindo que os trabalhos avaliados tenham tido circulação significativa junto ao público.

Como medida de transparência, membros da Comissão Julgadora que possuam envolvimento direto com alguma produção inscrita ficam

impedidos de votar no respectivo espetáculo em todas as categorias. A categoria Produção segue critério específico, sendo votada exclusivamente pelos associados da APTR, o que reforça o caráter representativo da entidade junto à classe teatral. A Comissão Organizadora da cerimônia é formada por Bianca de Felippes, Celso Lemos, Marcia Dias, Marta Paret e Norma Thiré.

A edição comemorativa tam-

bém homenageará figuras representativas das artes cênicas brasileiras. Estão previstas a entrega do Troféu Marília Pêra e uma Categoria Especial, cujos contemplados serão anunciados em breve. A cerimônia de premiação, cuja data e local ainda não foram definidos.

Veja a relação completa dos indicados em <https://lnq.com/gxp5S>

CRÍTICA TEATRO | O FORMIGUEIRO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Inspirado na comédia de costumes que invadiu os palcos brasileiros com Martins Pena no início do século XX, “O Formigueiro” interpõe-se como um dos espetáculos mais harmoniosos no panorama teatral carioca. A comédia dramática de Thiago Marinho possui uma carpintaria exemplar, a julgar pelo encadeamento arguto e sensível que o autor exhibe. Há uma fluidez exuberante na construção da trama, na qual a logicidade apresenta-se, desaguando em efeito dramático raramente visto. Uma linha tênue entre amor e ódio fulgura nas personagens, como numa obra de Eugene O’Neill, onde a raiva exaspera-se enquanto o afeto atenua. A partir do Alzheimer da progenitora, a dinâmica familiar estabelece novos rumos. Dois irmãos, uma irmã e seu marido encontram-se para comemorar o aniversário materno, produzindo embates que oscilam entre dor e humor, numa simbiose ajustada da excelente dramaturgia. A peculiaridade dos papéis enriquece o conflito, pelo qual traumas, fragilidades, segredos, verdades são expostas, manifestando na plateia uma identificação imediata.

A direção, com supervisão de João Fonseca, é do autor, que impulsiona sua escrita com sabedoria. Tudo foi devidamente articulado, para que todas as funções exalassem verossimilhança em espontânea teatralidade. Perspicaz, o encenador obtém um naipe de



A redefinição de papéis numa família que se vê acéfala é a tônica de ‘O Formigueiro’

Homogêneo e sensível

atores talentosos, facilitando sua proposta cênica, conquistando uma uniformidade no elenco e espetáculo.

Há uma sinergia poética entre os intérpretes, além de uma retidão que transparecem comunicar. O ótimo Rodrigo Fagundes

explora sua comicidade, traduzindo a fragilidade de seu Luiz, fracassado profissionalmente. O ator, dono de uma teatralidade

potente, abrilhanta-se um pouco mais quando, no tempo certo, vai provar um strogonoff já desandado numa situação inusitada. A Joana de Roberta Brisson é seca, pragmática, desenvolvendo sua performance um pouco mais contida, repleta de nuances, numa elegância daquela que batalhou por um status diferenciado. Lucas Drummond é o mais discreto de todos, já que seu Victor dialoga com o suicídio, revelando Inteligência e carisma em sua execução. Diego Abreu desenha seu corrupto Cláudio Márcio em cores mais fortes, sem tipificá-lo. Hábeis, os quatro humanizam a atração.

Paredes, armário, fogão, geladeira são estilizados na cenografia inventiva de Victor Aragão, num contraponto de uma televisão realista, pela qual a memória se faz presente. O figurino de Luísa Galvão passeia por tons terrosos, menos o de Cláudio Márcio, que é agregado familiar. A luz delicada de Felipe Medeiros contrasta com singeleza o desespero parental. A metáfora de que ao perdemos nossas rainhas tornamo-nos mais competitivos, evidencia que “O Formigueiro” é uma obra-prima.

SERVIÇO

O FORMIGUEIRO

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1, Centro)

Até 4/2, de segunda a quarta (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Pedro Bom/Divulgação

Personagens no controle

Teatro Ipanema apresenta até domingo (25) o espetáculo “O Dia Em Que Vão Embora” sobre escritora em crise criativa surpreendida por festa organizada por seus próprios personagens. Entre memórias e textos inacabados, a autora vê suas criações ganharem vida e autonomia, invertendo papéis e assumindo o controle da narrativa. Confrontada por seu próprio trabalho, ela é forçada a encarar o passado, as perdas e os bloqueios que a impedem de escrever. A trama questiona os limites entre criador e criação.



Ricardo Sal/Divulgação

Visões do cotidiano

As crônicas de Luís Fernando Veríssimo inspiraram a dramaturgia de Ricardo Peixoto em “Vem Quem Tem”, em cartaz no Teatro Vanucci até quarta-feira (28). A montagem utiliza esquetes para retratar situações cômicas do cotidiano observadas pelo autor em transportes públicos, bares, festas, velórios e redes sociais, entre outras situações. Mesmo sendo uma comédia, o espetáculo propõe olhar crítico sobre o comportamento humano no dia a dia, focando no homem comum e suas interações sociais.



Daniel Bandeira/Divulgação

Amizade posta à prova

“Dia de Jogo” traz a história de três amigos de infância que se reencontram após anos de distanciamento. Tito, que enriqueceu de forma questionável, busca Almôndega e Cebola para ajudá-lo a encontrar a esposa desaparecida. O reencontro força o trio a revisar o passado e enfrentar divergências éticas que os afastaram. O elenco reúne Pedro Manoel Nabuco, Heitor Acosta, Kaio Raiol e Isadora Ruppert. A trama explora temas como lealdade, ética e os caminhos diferentes que a vida oferece. Até quinta-feira (29) no Teatro Laura Alvim.

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAUNTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Diana Bakery



Talho Capixaba



Spesso



Mäska

Confira um succulento roteiro de bolos de chocolate em todas as suas versões

Nesta terça-feira (27) celebra-se o Dia do Bolo de Chocolate, uma sobremesa que atravessa gerações e nunca perde o encanto. Dos bolos mais intensos e úmidos às versões leves e aeradas, com camadas de ganache, mousses ou recheios cremosos, o chocolate reina absoluto tanto nas sobremesas dos restaurantes quanto nas vitrines das confeitarias. Tradicional ou reinventado, ele se adapta a estilos, técnicas e tendências, sempre atual, sempre desejado. Para não deixar você passando vontade, confira abaixo as sugestões, para todos os gostos, que o Correio da Manhã preparou para a data:



Cardin



Sem Culpa Gastronomia



La capital Cevicheria

SEM CULPA GASTRONOMIA – A delicatessen comandada pelo chef Marcelo Massena tem duas opções especiais de bolo de chocolate sem glúten: o Chocolatadow (R\$ 35 - fatia), o nº 1 da casa, molhadinho, fofíssimo e intenso, com notas de 3 tipos de chocolate 100%; e o Bolo Matilda (R\$ 35 - fatia) com amanteigado de chocolate belga recheado de trufado de brigadeiro de colher 100% cacau. Rua Governador Irineu Bornhausen loja R1. Largo do Machado. WhatsApp: (21) 99933-8118.

CARDIN – Na cafeteria o Bolo de Brigadeiro tem camadas de pão de ló de chocolate intercaladas com brigadeiro, cobertura de ganache e detalhes de chocolate branco com granulado de chocolate callebaut (fatia R\$ 19 | inteira R\$ 170). Rua Constante Ramos, 44 – Copacabana. Tel: (21) 96703-526.

DIANNA BAKERY - A confeitaria oferece o Bolo de Chocolate (R\$ 22 - fatia | R\$ 186 - inteiro), feito sem farinha e com doce de leite. Há ainda o Birthday Cake Trufado (R\$ 25 - fatia | R\$ 286 - inteiro), com massa de chocolate, cinco camadas de trufa e

crocante de brownie. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

LA CAPITAL CEVICHERIA - O restaurante peruano tem como sugestão o Bolo Criollo de Chocolate (R\$ 28), recheado de brigadeiro com sorvete de chocolate. Rua Bolivar, 21 – Copacabana. Tel: (21) 96503-4509.

MÄSKA - Uma das sobremesas do cardápio é o Chocolatudo (R\$ 36), bolo com texturas de chocolate, brigadeiro e calda de chocolate branco assado. Rua Joana Angélica, 159 – Ipanema. WhatsApp: (21) 99997-0250.

SPESSO – No menu da casa é possível encontrar a Torta al Cioccolato (R\$ 25,90). Um bolo de chocolate acompanhado de bastante calda de chocolate. Praia de Botafogo, 400, 8º andar. WhatsApp: (21) 97280-2207.

TALHO CAPIXABA – A delicatessen tem várias opções de tortas e bolos em seu cardápio. Destaque para a de Chocolate com framboesa, a Torta de Chocolate com Amêndoas, e a Torta de Brigadeiro, (R\$ 85/ 5 fatias, R\$ 160/10 fatias e R\$ 200/ 15 fatias). Rua Barão da Torre, 354 - Ipanema. Tel: (21) 3037-8638.

Por Mayariane Matos

O espetáculo infantil “Viola Orgânica” é apresentado neste domingo (25), às 16h, no Teatro Hugo Rodas, localizado no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul, em Brasília. A atividade integra a programação do Festival Em Cantos e é voltada principalmente ao público infantil, com foco em crianças de 3 a 7 anos, além de familiares e acompanhantes.

A proposta da apresentação é oferecer uma experiência sensorial que articula música instrumental, dança e registros sonoros da natureza para trazer as pessoas para outro ambiente.

No palco, o músico R.C. Balzerini executa composições autorais na viola caipira, enquanto a bailarina Jun Cascaes desenvolve uma coreografia que dialoga com a execução musical e com o ambiente sonoro construído ao longo do espetáculo.

Riacho, chuva...

Diferentemente do formato tradicional de concerto, “Viola Orgânica” não apresenta uma narrativa linear nem personagens definidos. A condução do espetáculo ocorre a partir da relação entre os sons da viola e gravações de elementos naturais, como riachos, cachoeiras, chuva, vento, pássaros e insetos. Esses sons são incorporados como parte da estrutura musical, criando uma ambientação contínua que orienta a percepção do público.

A combinação entre música e paisagem sonora resulta em uma sequência de quadros sonoros que sugerem cenários e sensações, sem recorrer a textos falados ou explicações diretas. A ausência

Viola Orgânica une música e natureza

Espectáculo infantil combina viola caipira com os cantos dos pássaros e outros barulhos das matas



Divulgação

Sons da viola aproximam as crianças dos barulhos da natureza: rios, chuva, insetos, pássaros...

de enredo verbal permite que as crianças estabeleçam interpretações próprias a partir da escuta e da observação dos movimentos no palco.

A participação de Jun Cascaes acrescenta uma dimensão visual ao espetáculo. A coreografia acompanha as variações rítmicas e melódicas da viola, explorando deslocamentos suaves e gestos amplos. Os movimentos são pensados para dialogar com a música e com os sons ambientais, reforçando a proposta de integração entre corpo, som e espaço.

Segundo a concepção do projeto, o termo “Viola Orgânica” está relacionado à liberdade de andamento das composições e às variações de dinâmica musical, que não seguem uma métrica rígida. Essa característica aproxima a execução musical de processos encontrados na natureza, como ciclos, repetições e mudanças graduais de intensidade.

A viola caipira, instrumento central do espetáculo, é utilizada como elemento de conexão com referências do meio rural e de tradições musicais brasileiras. No entanto, o repertório apresentado não se baseia em canções conhecidas do cancionário popular.

Juntas, canções e artes cênicas

Proposta do Festival Em Cantos é sempre combinar números musicais com dança ou apresentações teatrais

Todas as apresentações são desenvolvidas a partir de composições autorais especificamente para o projeto.

A duração aproximada da apresentação é de 45 minutos.

O tempo foi definido para manter a atenção do público infantil e permitir que a experiência seja acompanhada de forma contínua, sem intervalos. A organização do espetáculo considera o ritmo de fruição das crianças, priorizando transições suaves entre os momentos sonoros e visuais.

Festival Em Cantos

O Festival Em Cantos, do qual o espetáculo faz parte, reúne atividades voltadas à música e às artes cênicas, com programação destinada a diferentes faixas etárias.

A inclusão de “Viola Orgânica” na agenda do festival reforça a presença de propostas artísticas voltadas ao público infantil, com foco em experiências formativas e sensoriais.

Renato Russo

O Espaço Cultural Renato

Russo é um dos principais equipamentos públicos dedicados às artes em Brasília e abriga salas de teatro, galerias e áreas para atividades educativas. O Teatro Hugo Rodas, onde ocorre a apresentação, é utilizado regularmente para espetáculos de música, dança e teatro, incluindo produções voltadas à infância.

A apresentação deste domingo é aberta ao público e representa mais uma iniciativa de aproximação entre crianças e manifestações artísticas que exploram diferentes linguagens. Ao unir música instrumental, dança e sons da natureza, “Viola Orgânica” propõe um contato inicial com formas de escuta e percepção que vão além do entretenimento convencional.



Secretaria de Cultura

O Renato Russo é um dos principais equipamentos culturais

SEXTOU! UM DF DE

TEATRO

Nany People em Brasília

✱Nany People começa o ano celebrando a sua vida e trajetória. A atriz e humorista está em plena comemoração dos seus 60 anos de idade, 50 anos de carreira e 30 anos de TV da forma que mais gosta: nos palcos. E agora, ela inicia 2026 em clima de festa e apresentará, pela primeira vez em Brasília, o seu novo show: “Ser Mulher Não é Para Qualquer Um - O Espetáculo”, dia 24 de janeiro de 2026, às 20h, no Teatro CAESB. Na peça, baseada em sua nova biografia recém-lançada, Nany relata episódios, histórias, causos e inspirações da sua vida e carreira, de maneira muito bem-humorada e com muita beleza. O texto é de Flávio Queiroz e a direção artística/conceitual de Marcos Guimarães.

“Memórias Coloridas”

✱Após temporada de sucesso em 2025, a Cia. Novos Candangos retorna com o espetáculo “Memórias Coloridas” em janeiro de 2026. A peça entra em cartaz nos dias 23, 24 e 26, no Teatro Oficina Perdiz (710 Norte), reunindo canto, dança e performance em histórias reais e cheias de cor. Ingressos a R\$ 30 no Sympla. Não recomendado para menores de 14 anos.

“À Beira do Sol”

✱A Cia. Os Buriti apresenta o espetáculo “À Beira do Sol”, de 22 a 25 de janeiro, no teatro do CCBB Brasília. A montagem integra a Ocupação Os Buriti – 30 anos e é um solo de Naira Carneiro, que também assina a direção e a dramaturgia. As sessões ocorrem às 19h (qui e sex) e às 16h (sáb e dom), com Libras no dia 23.

PROJETO

Marsha Trans em Brasília

✱Em sua terceira edição, a Marsha Trans Brasil ocupa o centro de Brasília no dia 25 de janeiro. Organizada pela Antra e pelo Ibrat, a manifestação político-cultural terá concentração em frente ao Congresso Nacional, a partir das 13h, com caminhada até o Museu Nacional da República. A programação conta com participação da deputada federal Erika Hilton.

Projeto As Brasileiras

✱A cantora e instrumentista Kika Ribeiro lança o projeto As Brasileiras, que celebra o empo-

deramento feminino e a diversidade das vozes das mulheres brasileiras. A iniciativa promove shows gratuitos de pré-carnaval nos dias 24 e 25 de janeiro, na Feira do Guará, e em 31/01 e 1º de fevereiro, no Taguaparque. Ao lado de convidadas, Kika homenageia grandes cantoras do Brasil com repertório autoral e clássico. Livre para todos os públicos.

Caravana de serviços

✱A Caravana do Empreendedorismo Feminino chega a Taguatinga no dia 26 de janeiro

com cursos gratuitos voltados à capacitação profissional e à autonomia financeira de mulheres a partir dos 16 anos. Até 27 de fevereiro, serão oferecidos 16 cursos práticos, em turnos manhã e tarde, nas áreas de beleza, alimentação, vendas, informática e construção civil. A iniciativa é do Instituto OMNI, com apoio da Administração Regional e do Ministério das Mulheres.

“Cultura Negra em pauta”

✱O Paranoá recebe nesta sexta (23), a partir das 17h, o projeto Cultura Negra em Movimento,

com celebração gratuita da arte e da identidade afro-brasileira. Idealizado por Martinha do Coco, o evento reúne atrações como Tambor de Crioula, Boi do Seu Teodoro e Escola de Samba Bola Preta. A iniciativa, do Instituto Black Spin com apoio da Secec-DF, promove encontros culturais até abril em espaços públicos do DF. Entrada franca.

SHOW

Bloco do Silva

✱A Biroasca e o Lah promovem parceria inédita e apresentam o

Festival de Verão do Silva no dia 31 de janeiro, em Brasília. O cantor capixaba traz o show “As Melhores do Verão”, com repertório especial de carnaval inspirado no sucesso do Bloco do Silva. O set reúne axé, brasilidades dos anos 90 e 2000 e homenagens à MPB. A apresentação acontece às 20h30, na Nova Biroasca, no Conic. Ingressos pelo Shotgun.

Palhágica com Chouchou

✱O espetáculo Show de Palhágica retorna aos palcos nos dias 24 e 31 de janeiro, às 11h, no Teatro Brasília Shopping.



Nany People apresenta espetáculo inédito em Brasília



Cia. Novos Candangos entra em cartaz



“À Beira do Sol” é atração do CCBB Brasília

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação

CCBB Brasília promove mostra de cinema infanto-juvenil



Divulgação

"Festival de Verão do Silva" na nova Biroasca do Conic



Divulgação

"Festival de Verão do Silva" na nova Biroasca do Conic



Divulgação

"Festival de Verão do Silva" na nova Biroasca do Conic

Protagonizado por Chouchou, personagem de Galileu Fontes, a montagem mistura palhaçaria, mágica, teatro e ventriloquia em uma experiência interativa e cheia de humor para toda a família. A apresentação integra a Mostra Teatral de Brasília e tem entrada gratuita, sujeita à lotação.

EXPOSIÇÃO

"Desalinhos e Costuras"

✱A mostra "Desalinhos e Costuras: Arte e Loucura" prorrogou as inscrições para sua segunda edição até 7 de março de 2026. Com curadoria de Tânia Rivera e realização no Museu Nacional da República, em Brasília, a exposição selecionará três obras, com prêmio de R\$ 4 mil cada. A iniciativa promove o diálogo entre arte e saúde mental, valorizando a diversidade de vozes e a desconstrução de estigmas. Inscrições pelo formulário.

Arte brasileira

✱Em cartaz até 8 de fevereiro no CCBB Brasília, em parceria com o MAM Rio, a exposição Uma história da arte brasileira é opção cultural gratuita para as férias. Com cerca de cem obras, a mostra apresenta um panorama da arte brasileira dos séculos 20 e 21, reunindo pinturas, esculturas, fotografias e trabalhos conceituais. O percurso acessível e envolvente dialoga com diferentes gerações e inclui ações educativas, reforçando o convite à descoberta e à formação do olhar.

CINEMA

Filmes de férias

✱De 27 de janeiro a 8 de fevereiro, o CCBB Brasília promove o projeto Férias no Cinema, com programação gratuita voltada ao público infantojuvenil. São 12 filmes e 24 sessões, reunindo clássicos, animações premiadas

e produções nacionais, além de oficinas criativas, contação de histórias e atividades lúdicas. Com foco no brincar, na diversidade cultural e na formação de público, o evento inclui sessões e ações com acessibilidade, reforçando o compromisso com a inclusão e o acesso à cultura.

Spielberg no Cine Brasília

✱O Cine Brasília inicia 2026 com uma programação diversa, que inclui a Sessão Monumental com E.T. – O Extraterrestre, clássico de Steven Spielberg, além de estreias como Se Eu Tivesse Pernas, Eu Te Chutaria e O Diário de Pilar na Amazônia. A semana também traz Sessão Circuitão com Avatar 3, Sessão Acessível, Sessão Atípica, mostras especiais, filmes em cartaz e seleção de curtas, reforçando o compromisso do cinema com diversidade, acessibilidade e formação de público.

'Tímpano': Videocast inédito

✱Todos têm algo a contar. O canal Tímpano nasce para dar voz a pessoas com olhares diversos, oferecendo espaço para quem conta e tempo para quem escuta. O projeto estreia no YouTube e Spotify no dia 27 de janeiro, terça-feira, às 19h. O primeiro episódio traz uma conversa com a jornalista e empresária Fátima Torri, idealizadora do canal Fala Feminina. A proposta é criar encontros sensíveis, profundos e atentos às histórias de cada convidado. Criado por Eduardo Wannmacher, Daniela Corso e Zé Carlos de Andrade.



Divulgação

Show de Palhágica com Chouchou

Fora do Eixo: Ceilândia, terra do Cantador e do hip-hop

Agência Brasília

Região administrativa tem uma das mais ricas cenas culturais do Distrito Federal

Por Mayariane Castro

Ceilândia consolidou-se ao longo das últimas décadas como um dos principais pólos culturais do Distrito Federal. A região administrativa reúne manifestações ligadas principalmente à cultura nordestina, expressões urbanas e iniciativas sociais através da arte, articuladas em espaços públicos, equipamentos culturais e eventos periódicos.

Essa produção é resultado da presença histórica de migrantes, da ocupação dos territórios periféricos e da atuação contínua de artistas e coletivos locais, de uma das maiores cidades do DF.

Cultura nordestina

A cultura nordestina ocupa papel central na formação cultural da cidade. Tradições trazidas por migrantes incluem o forró, a literatura de cordel, as festas juninas e outras expressões populares. Essas práticas são visíveis em eventos como o Distrito Junino, que reúne quadrilhas e apresentações tradicionais, e em espaços como a Casa do Cantador, dedi-

cada à poesia, à música e à preservação da memória cultural nordestina no Distrito Federal.

A Casa do Cantador funciona como um dos principais equipamentos culturais da cidade. O espaço abriga atividades relacionadas à música popular, à literatura de cordel e a encontros de artistas, além de ações formativas de forma gratuita. Outro ponto de referência é a Feira Central de Ceilândia, onde se concentram atividades comerciais ligadas à gastronomia regional, à venda de produtos típicos e ao convívio social. A feira também atua como espaço de circulação cultural, reunindo trabalhadores, artistas e moradores da região.

Cultura da periferia

Além das tradições nordestinas, Ceilândia apresenta uma cena forte ligada à cultura urbana e periférica.

O rap, o hip hop, o breaking, o skate, o grafite e manifestações da cultura geek fazem parte do cotidiano da cidade. Artistas e grupos do Distrito Federal utilizam praças e espaços públicos



Casa do Cantador: ponto central da cena cultural de Ceilândia

para apresentações, batalhas de rima e encontros culturais. Eventos como a Mostra Cultural de Ceilândia organizam essas expressões em uma programação voltada à música, às artes visuais e às práticas esportivas urbanas.

A Praça da Estação, conhecida como CNN 2, é um dos locais utilizados para apresentações e

encontros culturais. O espaço recebe eventos abertos ao público e funciona como ponto de encontro para artistas e coletivos.

Museu da Limpeza

Outro equipamento singular é o Museu de Limpeza Urbana, criado por trabalhadores da limpeza pública, que reúne objetos

encontrados durante o trabalho cotidiano e propõe reflexões sobre consumo, descarte e memória urbana.

A economia local também integra o cenário cultural da cidade. Feiras culturais e eventos comunitários valorizam o artesanato, a gastronomia local e a produção independente.

Candiá: feira é ponto de encontro

Biblioteca tem diversas atividades para crianças, como contação de histórias

A Feira Cultural de Ceilândia, conhecida como Candiá, reúne expositores, artistas e produtores locais, promovendo circulação econômica e visibilidade para iniciativas da região. Projetos itinerantes, como o Circula Cultura, levam atividades artísticas a diferentes regiões administrativas, ampliando o acesso da população às produções culturais.

Em 2025, Ceilândia recebeu a décima edição da mostra cultural Pérola Negra. O evento teve como foco a valorização da identidade afro-brasileira e contou com oficinas, feira de artesanato, rodas de samba, apresentações musicais e atividades gastronômicas abertas ao público. A iniciativa integrou o calendário

cultural da cidade e reuniu artistas, produtores e moradores em torno de ações formativas e apresentações artísticas.

A agenda cultural segue ativa em 2026. No início de janeiro, a Praça da Bíblia, na Ceilândia P Norte, recebeu o Baile do Brooklyn, evento que abriu o calendário do ano com programação voltada ao hip hop. A iniciativa contou com apresentações de rap, trap e funk, reunindo artistas locais e público da região. O evento utilizou o espaço público como palco e reforça a presença da cultura urbana no início do ano.

Biblioteca

Outro equipamento que amplia o acesso à cultura é a Biblio-



Agência Brasília

Presença nordestina é importante fator cultural da cidade

teca Pública de Ceilândia. Durante o recesso escolar, o espaço tem recebido programação voltada a crianças, jovens e adultos.

As atividades incluem contação de histórias, oficinas criativas

e ações de incentivo à leitura. A proposta é manter o vínculo da comunidade com o livro e com o espaço público, transformando a biblioteca em um ponto de convivência durante o período de

férias. Todas as atividades oferecidas pela biblioteca são gratuitas e abertas ao público. A iniciativa reforça o papel do equipamento como espaço de aprendizado e encontro comunitário, ampliando o uso do acervo e promovendo ações culturais fora do ambiente escolar.

Apesar da diversidade de manifestações, artistas e produtores culturais de Ceilândia relatam desafios estruturais. A cidade não conta com cinemas e teatros em número proporcional à população, o que exige a adaptação de praças e espaços alternativos para apresentações. A manutenção das atividades culturais depende da articulação comunitária, de editais públicos e do esforço contínuo dos fazedores de cultura.



Próxima missão:

O OSCAR

‘O Agente Secreto’ **confirma seu prestígio** e recebe indicações em **quatro categorias** (melhor **filme**, melhor **filme de língua não inglesa**, melhor **ator** e melhor **elenco**) da maior premiação do **cinema mundial**. E ainda o paulista **Adolpho Veloso** foi indicado em **melhor fotografia** por ‘Sonhos de Trem. Págs. 2 e 3